

A materialidade do livro infantil: paratextos e a experiência de leitura em “O jardim lá fora”, de Maira Chiodi

**The materiality of the children's book: paratexts and the reading experience in “O
jardim lá fora”, de Maira Chiodi**

**La materialidad del libro infantil: paratextos y la experiencia lectora en “O jardim lá
fora”, de Maira Chiodi**

Josiele Vita da Silva Tavares¹
Ilsa do Carmo Vieira Goulart²
Renata Junqueira de Souza³

Resumo

A leitura acontece relação entre o leitor e o objeto-livro, quando em sua materialidade traz cores, formas, texturas, formato das letras, imagens que permitem uma interação e uma ação leitora, este texto traz como centralidade um olhar para os paratextos nos livros de literatura infantil, de modo a refletir sobre como tais dispositivos tipográficos e editoriais podem provocar no leitor uma motivação leitora, conduzindo-o por entre as páginas da obra. Diante disso, esta pesquisa investiga a produção da obra “O jardim lá fora”, de Maira Chiodi, com o objetivo de evidenciar a relevância dos paratextos que compõem a materialidade do livro e como estes, são pensados pelo autor, ilustrador ou editora de modo a contribuir para a compreensão leitora. Para isso, apresenta-se uma pesquisa de cunho qualitativo, a partir da descrição de traços de leitura presentes nos paratextos de uma obra de literatura infantil. Este estudo baseia-se nas contribuições de Chartier (1996, 2002), sobre a materialidade do livro, de Genette (2009) sobre os paratextos e de Goulart (2014, 2016) sobre a relação entre o leitor e o livro por meio da materialidade. Destaca-se que a compreensão do que a materialidade do livro representa para o autor, o ilustrador, ou mesmo, para o editor segue objetivos específicos; enquanto o autor está preocupado com a essência narrativa, seja do texto escrito ou das imagens, por sua vez o editor verifica a receptividade da obra pelo leitor.

Palavras-Chave: Paratextos; Materialidade; Literatura Infantil; Leitura de imagem.

Abstract

Reading occurs through the relationship between the reader and the book-object, when its materiality brings colors, shapes, textures, letter formats, and images that allow for interaction and reading action. This text focuses on the paratexts in children's literature books, reflecting on how such typographical and editorial devices can motivate the reader, guiding them through the pages of the work. Therefore, this research investigates the production of the work "O jardim lá fora", by Maira Chiodi, aiming to highlight the relevance of the paratexts that compose the book's materiality and how these are conceived by the author, illustrator, or

¹ Universidade Federal de Lavras – UFLA. Lavras/MG, Brasil. E-mail: josiele.vita@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5132-300X>.

² Universidade Federal de Lavras – UFLA. Lavras/MG, Brasil. E-mail: ilsa.goulart@ufla.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9469-2962>.

³ Universidade Federal de Lavras – UFLA. Lavras/MG, Brasil. E-mail: renata.lit.junqueira@gmail.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-2544>

publisher to contribute to reader comprehension. To this end, a qualitative research approach is presented, based on the description of reading features present in the paratexts of a children's literature work. This study is based on the contributions of Chartier (1996, 2002) on the materiality of the book, Genette (2009) on paratexts, and Goulart (2014, 2016) on the relationship between the reader and the book through materiality. It is noteworthy that understanding what the materiality of the book represents for the author, the illustrator, or even the publisher follows specific objectives; while the author is concerned with the narrative essence, whether of the written text or the images, the publisher verifies the reader's receptiveness to the work.

Keywords: Paratexts; Materiality; Children's Literature; Image reading.

Resumen

La lectura se produce a través de la relación entre el lector y el libro-objeto, cuando su materialidad aporta colores, formas, texturas, formatos de letra e imágenes que permiten la interacción y la lectura. Este texto se centra en los paratextos en los libros de literatura infantil, reflexionando sobre cómo estos recursos tipográficos y editoriales pueden motivar al lector, guiándolo a través de las páginas de la obra. Por lo tanto, esta investigación indaga en la producción de la obra "O jardim lá fora", de Maira Chiodi, con el objetivo de destacar la relevancia de los paratextos que componen la materialidad del libro y cómo estos son concebidos por el autor, ilustrador o editor para contribuir a la comprensión lectora. Para ello, se presenta un enfoque de investigación cualitativo, basado en la descripción de las características de lectura presentes en los paratextos de una obra de literatura infantil. Este estudio se basa en las contribuciones de Chartier (1996, 2002) sobre la materialidad del libro, Genette (2009) sobre los paratextos y Goulart (2014, 2016) sobre la relación entre el lector y el libro a través de la materialidad. Cabe destacar que comprender lo que la materialidad del libro representa para el autor, el ilustrador o incluso el editor persigue objetivos específicos: mientras que el autor se preocupa por la esencia narrativa, ya sea del texto escrito o de las imágenes, el editor verifica la receptividad del lector hacia la obra.

Palabras clave: Paratextos; Materialidad; Literatura infantil; Lectura de imágenes.

Introdução

Neste texto partimos da consideração de que o livro, em sua materialidade, pode provocar diferentes leituras, visto que “a parte física do livro, é o primeiro contato desencadeador da leitura. O sujeito-leitor utiliza-se das sensações que a obra impressa pode lhe oferecer” (Goulart, 2016, p. 73). Quando trazemos para a reflexão o livro como objeto físico precisamos considerar duas questões: a primeira referente à leitura deste objeto-livro que, em sua materialidade, ou seja, por meio de seus aspectos materiais, insinua ao leitor determinadas posturas, escolhas e usos distintos, e isso acontece porque “antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro. Pode-se até ouvi-lo se folharmos suas páginas” (Martins, 1986, p. 42).

A segunda questão compreende os aspectos de produção do livro, em relação aos dispositivos textuais e dispositivos gráficos, como estratégias utilizadas pelo autor, ilustrador e editor que permitem a passagem do texto verbal ou visual a um livro, a forma de organização dos elementos paratextuais, como 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a capas, folha de guarda, folha de rosto, lombada, tipo do papel, tamanho das páginas, constituem-se em dispositivos editoriais, os quais tem em vista leitores ou leituras que podem, ou não, estar em conformidade com as intenções do autor ou ilustrador da obra (Chartier, 2002).

Tendo em vista que a leitura também pode ser desencadeada pela relação entre o leitor e o objeto-livro, quando em sua materialidade traz cores, formas, texturas, formato das letras, imagens que permitem uma interação e uma ação leitora, este texto traz como centralidade um olhar para os paratextos nos livros de literatura infantil, de modo a refletir sobre como tais dispositivos tipográficos e editoriais podem provocar no leitor uma motivação leitora, conduzindo-o por entre as páginas da obra.

A definição de paratexto adotada neste artigo é aquela cunhada por Genette (2009), um conjunto de elementos verbais e visuais que acompanham, enquadram e apresentam o texto principal de uma obra, servindo de mediação entre o autor e o leitor, inclui capa, contracapa, título, ilustrações, entre outros. Para o autor (2009) os paratextos desempenham a função de orientar a leitura, facilitar a identificação, valorizar a obra (estética) e oferecer informações contextuais.,

Tal perspectiva nos coloca em contato direto com a materialidade da obra, a qual desencadeia modos de ler, modos do leitor interagir com o texto. Os livros de literatura infantil têm passado por alterações ao longo dos anos referentes ao modo de editoração das obras, aproveitando cada parte do livro capas, folha de rosto, lombada – para estabelecer com o leitor uma relação com o texto.

Por isso, ao consideramos que uma obra se refere a uma produção textual, que se concretiza por meio de um material pensado e planejado como uma dada finalidade, trazemos como inquietação: Como uma obra de literatura infantil é pensada pelo autor e/ou ilustrador? Como a obra vai se construindo, na articulação texto e imagem, e quais as intervenções editoriais que acontecem em uma obra?

Diante disso, esta pesquisa investiga a produção da obra “O jardim lá fora”, de Maira Chiodi, com o objetivo de evidenciar a relevância dos paratextos que compõem a materialidade do livro e como estes, são pensados pelo autor, ilustrador ou editora de modo a contribuir para a compreensão leitora.

Para tanto, optamos por uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo, com a realização de uma entrevista semiestruturada, realizada em forma de vídeo conferência com a autora e ilustradora da obra “O jardim lá fora”, de Maira Chiodi.

Para melhor organização das discussões propostas o texto está dividido em três seções temáticas: na primeira apresentamos o embasamento teórico sobre materialidade e paratextos, na segunda destacamos alguns excertos da entrevista realizada com a autora e ilustradora Maira Chiodi, e na terceira trazemos uma análise descritiva da obra “O jardim lá fora”.

Materialidade do livro: os paratextos

A materialidade de um livro é constituída por elementos que, conforme Genette (2009), configuram os aspectos por meio dos quais um texto se transforma em livro e se apresenta aos leitores. O autor, ainda discorre que

A obra literária consiste [...] numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais, mais ou menos cheios de significação. Contudo, esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como o nome do autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que, em todo caso, o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo* no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo* presente, para garantir sua presença no mundo, sua 'recepção' e seu consumo, sob a forma [...] de um livro (Genette, 2009, p. 9).

Esses elementos são denominados por Genette (2009) como paratextos⁴, incluem componentes como a capa, a folha de guarda, as ilustrações, a folha de rosto, a contracapa, entre outros.

Os paratextos são compostos por elementos verbais e visuais que, ao se integrarem à estrutura material da obra, contribuem para sua configuração e atribuição de significados. Conforme Goulart (2011, 2014, 2016), a materialidade do livro está associada a uma ação editorial caracterizada pela intencionalidade de direcionar o leitor a uma interpretação específica.

Os estudos de Chartier (1996, 2002) apontam que durante muito tempo desconsiderou que as formas tipográficas pudessem implicar nos sentidos produzidos pelo leitor à obra. Segundo o autor, para compreender que tais dispositivos gráficos impactam nos sentidos

⁴ De acordo com Genette (2009) os paratextos são formados por duas modalidades: peritexto que se refere a composição da materialidade do livro, e epitexto: são elementos externos ao texto principal, divididos em públicos (entrevistas, resenhas) e privados (correspondências, diários), que podem ser incorporados à obra com o tempo.

produzidos devemos considerar “três polos: o texto, objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera” (Chartier, 2002, p. 127).

A passagem de um texto verbal ou visual, no caso dos livros imagens, requer estratégias editoriais em que o autor e/ou ilustrador deverão fazer escolhas, como tipo e gramatura de papel, tamanho e cor de fundo, informações sobre os autores, ficha catalográfica, dedicatória, se terá orelha, enfim, trata-se de opções que também buscam uma visão de quem receberá esta obra. Nesse sentido, Darnton (1990, p. 169) explica que "os textos têm propriedades tipográficas que guiam a reação do leitor", evidenciando o papel estratégico dos elementos visuais na construção do sentido.

Desse modo, de acordo com Chartier (2002) a construção de sentido nas obras literárias compreende o texto, tanto em sua dimensão verbal quanto visual; o objeto, enquanto expressão de sua materialidade e suporte físico no qual o livro se configura; e as práticas de leitura, sejam elas de natureza social ou cultural, que se apropriam e ressignificam a obra.

Análise da obra: O jardim lá fora, de Maira Chiodi

A obra “O jardim lá fora”, de autoria de Maira Chiodi, foi publicada pela Editora Jujuba em 2024, recebendo reconhecimento ao ser laureada no Concurso Nacional de Literatura João-de-Barro – Literatura para Crianças e Jovens – de 2022⁵. A autora e ilustradora é graduada em Artes Plásticas e Publicidade pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e, em entrevista concedida às autoras deste artigo, relatou aspectos marcantes de sua trajetória profissional e do processo criativo de sua obra.

Figura 1. Imagem da autora e ilustradora Maira Chiodi



Fonte: Arquivo da entrevista concedida às autoras.

⁵ De acordo com o regulamento do edital do Concurso Nacional de Literatura João-de-Barro – Literatura para Crianças e Jovens, as obras submetidas ao prêmio devem ser inéditas, não podendo ter sido divulgadas ou publicadas, parcial ou integralmente, em qualquer meio. A obra “O jardim lá fora”, embora apresentada com projeto gráfico completo, foi oficialmente publicada apenas após a premiação.

A carreira de Maira Chiodi como ilustradora teve início de maneira inesperada. Após concluir sua formação acadêmica, passou a trabalhar com design gráfico, sem intenção inicial de ilustrar livros. Em 2006, surgiu a oportunidade de ilustrar um livro por meio de um contato profissional. Apesar de ser um desafio inédito e de possuir apenas duas semanas para finalizar o projeto, ela aceitou a proposta. Essa primeira experiência, ainda que despreziosa, despertou seu interesse pela ilustração, motivando-a a investir nessa nova área.

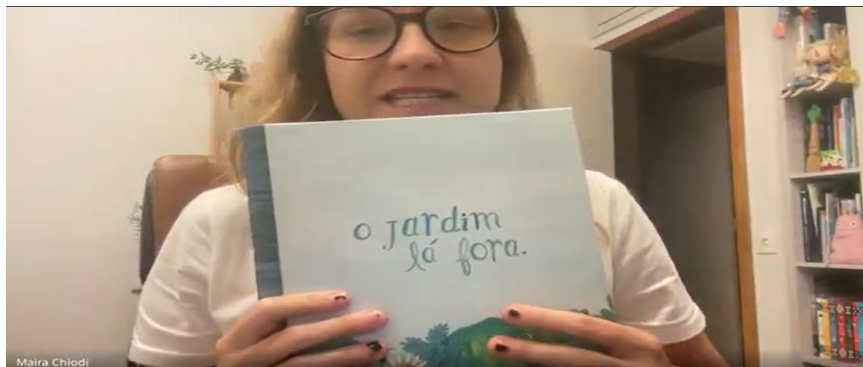
Nos anos seguintes, Maira continuou a atuar como designer gráfico durante o dia e a desenvolver ilustrações em seu tempo livre. Em 2009, mudou-se para Montreal, no Canadá, onde consolidou sua carreira profissional como ilustradora, publicando seus primeiros livros. O retorno ao Brasil marcou uma nova etapa em sua trajetória, que culminou na concepção de “O jardim lá fora”.

A ideia para a obra surgiu em 2020, durante o período de isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19, quando a autora e ilustradora também vivenciava a maternidade. Nesse contexto, a presença de uma árvore da espécie chapéu-de-sol em frente ao prédio onde morava tornou-se fonte de inspiração. A autora explicou que:

Havia essa árvore na frente do meu prédio, uma chapéu-de-sol, que tem folhas bem grandes. Eu a observava da janela e percebia como ela mudava ao longo do ano: no outono, as folhas ficavam laranjas e amarelas, depois caíam, e a árvore voltava a brotar. Da janela, eu via micos e passarinhos. Acompanhando esse ciclo, a árvore me trazia um pouco de esperança, como se dissesse que as coisas iriam melhorar, que tudo voltaria ao normal, porque a natureza continua. Essa árvore me inspirou, mas a história tomou outros rumos. Surgiu da minha visão de dentro para fora, olhando para ela e desejando estar lá fora. Assim, imaginei uma plantinha em um vaso, sentindo-se presa, mas também temerosa. O desenvolvimento da história ainda me surpreende, pois transcendeu a pandemia e ganhou novos significados (Entrevista, 2024, 0:07:25min.)

O processo criativo teve um marco importante em uma oficina de criação de livro ilustrado realizada pela “A Casa Tombada”, em São Paulo, conduzida por Carolina Moreyra e Odilon Moraes. A oficina, com duração de duas semanas, tinha como objetivo produzir um protótipo de um livro, combinando texto e ilustração. Maira descreveu o processo como intenso e produtivo, levando-a a desejar transformar o projeto em um livro completo.

Figura 2. Imagem da autora e ilustradora Maira Chiodi com o protótipo do livro



Fonte: Arquivo da entrevista concedida as autoras.

Ao longo de 2021, Maira trabalhou gradualmente no projeto, conciliando o desenvolvimento da obra com outros compromissos. No final do ano, o livro estava concluído, permitindo que ela o inscrevesse no edital do Concurso João-de-Barro em janeiro de 2022. A obra foi selecionada e premiada, o que garantiu sua publicação em 2024.

Maira relata que elaborou o protótipo do livro (Fig. 2) com muita dedicação, e ainda discorre: "Eu não sabia se iria ganhar o prêmio, achava que não iria. Então pensei: já que vou enviar, vou fazer muito bem feito, como se fosse um livro de verdade em minhas mãos. Tenho uma prima que faz encadernação manual, e ela ajudou. Fizemos uma lombada de tecido, e ela realizou a encadernação" (Entrevista, 2024, 0:33:16 min).

Os desenhos que compõem a obra foram elaborados em folhas no formato A3 e coloridos manualmente. Maira afirmou que enfrentou dificuldades para realizar as ilustrações, pois estava há muito tempo sem desenhar. A autora e ilustradora relata, ainda, que algumas das imagens foram editadas com o uso do Photoshop devido a questões técnicas. Entretanto, destaca que outras ilustrações não necessitaram de edição (Fig. 3), conforme a autora: "Essa é uma que não teve Photoshop; fiz ela bem rapidinho, assim de uma vez" (Entrevista, 2024, 0:44:37 min.).

A elaboração da obra remete, primeiramente a um processo artístico de produção da ilustradora, mas que em um segundo momento é editado por ela. Trata-se de uma ação editorial, referente aos aspectos de digitalização, tratamento da imagem e diagramação, que demandam a organização e finalização da obra em livro, em que a autora também atua de modo intensivo.

Figura 3. Imagem do rascunho da ilustração



Fonte: Arquivo da entrevista concedida as autoras.

A autora explica que algumas ilustrações (Fig 4) foram elaboradas em partes separadas e posteriormente unidas no Photoshop. Em determinados momentos, utilizou até duas folhas A3 para compor os desenhos, desenhando elementos isolados, como a janela, que foi reaproveitada em diversas ilustrações. Alguns elementos como os objetos presentes no interior da casa foram criados em miniaturas devido a limitações técnicas. A autora ressalta que essa abordagem foi adotada para viabilizar o processo, considerando a dificuldade de desenhar detalhes muito pequenos de forma manual.

Figura 4. Imagem do rascunho da ilustração partes menores



Fonte: Arquivo da entrevista concedida as autoras.

Pequenas alterações foram realizadas tanto no texto quanto nas ilustrações da obra, incluindo a remoção de alguns elementos visuais. Essas modificações tiveram como objetivo ampliar as possibilidades de interpretações subjetivas e implícitas que cada leitor poderia

construir a partir da narrativa.

Isto demonstra a preocupação da autora com seu leitor, pois ao pensar em brechas para que cada sujeito que lê a obra atribua seu significado, ela além de tornar a obra aberta, permite que o leitor estabeleça uma relação próxima com os elementos narrativos, visuais e paratextuais de seu livro. Desta maneira, a autora fortalece seu entendimento de que um texto literário não pode ter um entendimento único ou final e convida o leitor a participar ativamente da leitura da obra construindo um significado seu e fazendo de “O jardim lá fora” uma obra em movimento.

Na entrevista, Maira Chiodi afirmou que durante o processo de editoração manteve-se o mesmo formato do protótipo inicial, sendo as mudanças sutis e cuidadosamente planejadas para favorecer a recepção da obra pelo público. A autora destacou a relevância do trabalho da editora, que refinou o texto sem limitar sua complexidade, permitindo uma multiplicidade de significados. Conforme apontado pela autora: “Tudo no livro pode ter um significado, sabe? Nada é aleatório” (Entrevista, 2024, 0:40:19 min.)

Uma obra é pensada de modo meticuloso pelo autor, no caso dos livros ilustrados ou livros de imagens, quando o autor também é o ilustrador da obra temos uma dupla ação de elaboração textual (verbal e visual) a ser considerado. Segundo Naves e Goulart (2024, p. 7) “a produção de obras com elementos diferenciados, que valorizam a materialidade, os componentes tipográficos e visuais, são componentes adicionais que enriquecem o movimento de interação entre a obra e o leitor”.

Além disso, de acordo com Dalcin (2017), o processo de editoração desempenha um papel crucial na construção do livro, uma vez que cada elemento, como a capa, a folha de guarda e o miolo, é cuidadosamente elaborado para estabelecer um diálogo coeso e significativo com o público leitor. Nesse sentido, a materialização do livro resulta de um processo colaborativo, no qual esforços e ideias convergem para compor o projeto editorial. Esse processo envolve escolhas detalhadas, como o tipo de papel, as cores e as fontes utilizadas, em um movimento de investigação e experimentação que busca promover conexões entre os diversos componentes do livro.

A autora e ilustradora concluiu que o processo editorial é uma etapa de (re)construção, essencial para garantir a abertura interpretativa da obra garantindo sua literariedade, que também reflete o compromisso com uma experiência de leitura que respeita e valoriza a pluralidade de perspectivas dos sujeitos leitores.

“O jardim lá fora” – descobertas textuais, visuais e paratextuais

A obra “O jardim lá fora” apresenta, em sua essência, uma narrativa sobre o processo de libertação e o rompimento com a zona de conforto, representado pela perspectiva de uma planta em um vaso.

A planta, posicionada na janela de uma casa, observa o jardim do lado de fora e reflete sobre sua condição. No ambiente protegido do vaso, ela se sente confortável e segura, afastada das intempéries, como chuvas, ventos fortes, sol intenso, barulhos dos pássaros e da escuridão da noite. E nessa história temos outros personagens, como: o gato e a mulher, que juntos compõem uma narrativa visual (Goulart, 2024a). As narrativas, verbal e visual, sugerem que a cada dia a planta trazia um olhar reflexivo sobre o espaço externo e interno da casa onde vivia. As imagens nos livros de literatura infantil compõem uma narrativa visual, em que a “paisagem construída pelos enunciados não verbais se mostra instigante à reflexão e à identificação do leitor. Nessa vertente discursiva, pode-se destacar o livro de imagem como material concreto da compreensão leitora, por trazer em si uma linguagem repleta de enunciados, que permite ao leitor a interlocução com o texto visual” (Goulart, 2024a, p.313).

A visão da planta do lado de fora da casa crescia, enquanto a percepção do que o lado de dentro lhe oferecia se reduzia, com isso a narrativa nos dá indícios de algo para além do texto verbal, implica uma subjetividade da leitura, que se constitui “da relação de intimidade – intensa e profunda – do leitor com o texto. Tal relação parte de um ato de experiência em que a compreensão leitora mobiliza ações interiores – cognitivas e afetivas –, possibilitando a transformação, ou seja, o leitor sai de um estado de conhecimento e avança a outro com um saber mais elaborado, ampliado ou mais reflexivo que o anterior” (Goulart, 2024b, p. 42).

O enredo da obra convida os leitores a refletir sobre as mudanças, sejam elas necessárias ou inesperadas, que ocorrem ao longo da vida. A leitura dos paratextos, conforme apontam Ramos, Furtado e Valentin (2021, p. 86), constitui-se em um instrumento para "investigar e criar possibilidades sobre o significado presente no miolo da obra". Nesse sentido, a análise inicia-se pela capa, que desempenha um papel fundamental como o primeiro elemento de interação entre o leitor e o livro.

Figura 5. Imagem da capa do livro



Fonte: Arquivo das autoras.

Na parte inferior da capa, observa-se um pequeno jardim com um pássaro, sob um céu claro, em que as nuvens predominam, sugerindo a presença de um dia ensolarado. O título da obra encontra-se centralizado, em letras minúsculas, sendo que as palavras "o jardim" estão em tipografia simples, enquanto "lá fora" está em outra linha e apresenta uma combinação de letras cursivas e minúsculas de imprensa. As cores das letras variam entre tons de azul e verde, com uma mescla em aquarela dessas nuances. Acima do título, destaca-se o nome da autora, impresso em tonalidades de preto.

O conjunto de elementos, imagens e escrito, possibilita o leitor, de acordo com Ramos, Furtado e Valentin (2021, p. 88) “[...] a compreender o ambiente onde a história acontece. Se a capa contemplasse apenas o título, perder se-iam sutilezas constituintes do enredo”. Na capa, é possível visualizar apenas um pequeno jardim, que em relação com o título permite ao leitor interrogar e criar hipóteses, que podem surgir diversos questionamentos, o que a narrativa vai apresentar desse jardim? E esse pássaro, o que acontecerá? E outras possibilidades que auxiliam na construção das indagações frente à capa para dialogar com o livro.

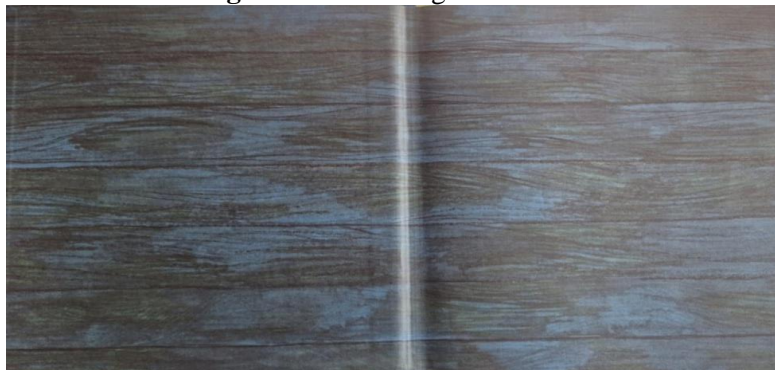
Segundo Correa, Pinheiro e Souza (2019, p. 74) “o livro é um objeto com muitas camadas de linguagem. Uma dessas camadas é o seu projeto gráfico-editorial e nele podemos identificar, além dos elementos textuais (verbais e visuais), elementos pré-textuais, como capa, folha de guarda, ficha catalográfica, folha de rosto, e elementos pós-textuais, como índice e quarta capa.” Dessa maneira, chamamos atenção neste subitem para tais elementos.

A capa, por exemplo, é um paratexto que requer uma leitura inicial da obra. O modo como o texto verbal e visual se apresentam provocarão no leitor uma certa proximidade ou

distanciamento. No caso, a autora e ilustradora explora cores suaves, poucos detalhes, o que desperta certa curiosidade no leitor em saber sobre o que se trata o livro. Nesse sentido, busca-se respostas na contracapa que indaga: “O que acontece quando a gente deixa de olhar apenas para dentro e resolve olhar lá fora?”

Assim, o “lá fora” do título na capa toma outras dimensões, e o pequeno jardim no lado inferior da capa já não é tão pequeno se comparado com quem olha e lê o texto da contracapa. Talvez a localização de “lá fora” em outra linha, com fontes mistas seja intencional e desta maneira, amplia-se seu significado. O leitor, pode estabelecer relações com “lá fora” do jardim, mas também com “lá fora” do interior daquele que lê.

Figura 6. Folha de guarda inicial



Fonte: Arquivo das autoras.

Ao abriremos o livro nos deparamos com a folha de guarda (Fig. 6), ali temos apenas uma página toda com régua de madeira indicando ser uma janela fechada. Em tonalidade azul escuro, sem nenhum outro elemento, o que contapõe a imagem da capa, construindo de acordo Ramos, Furtado e Valentin (2021) novos movimentos interrogativos que possibilitam mobilizariam o leitor a construir e a reconstruir a narrativa.

Figura 7. Folha de guarda final



Fonte: Arquivo das autoras.

Na perspectiva e atribuir significados, movimentos e reconstruir a narrativa, nos é apresentado a folha de guarda final (fig. 7). Em contraponto ao azul e preto, cores da janela, até então imaginada fechada, tem-se um céu infinito em azul claro, e no lado superior direito uma pequena andorinha voa livremente. Este sentimento de liberdade acompanha a planta, a partir do momento que ela é transposta para o jardim e a obra transforma-se em um livro de imagem. A partir, deste momento, a planta viverá e crescerá em meio a natureza, e, tudo aquilo que ela temia, na janela da casa (chuva, vento, sol intenso, barulho) passa a ser sinônimo de liberdade. O leitor poderá acompanhar este sentimento da planta, somente pela dimensão e tamanho que ela vai ganhando inserida no jardim.

Na folha de rosto (Fig. 8), surge um novo personagem: um felino, um gato preto, que aparece de forma discreta, com metade de seu corpo visível, enquanto a outra metade está oculta entre folhagens, como se estivesse explorando o jardim. Esses elementos, representados nas margens do livro, como uma vinheta, provocam no leitor a sensação de continuidade, sugerindo que o gato está em processo de descoberta do jardim ao longo das páginas subsequentes da obra.

Figura 8. Folha de rosto



Fonte: Arquivo das autoras.

Nas páginas subsequentes do livro, a organização visual segue uma lógica dual: o lado esquerdo ilustra a perspectiva do vaso de planta em relação ao interior da casa, enquanto o lado direito retrata a visão do exterior. No início da narrativa (Fig. 9), a planta ainda é pequena, permitindo uma visão ampla do exterior. Contudo, à medida que a planta cresce, a visibilidade do lado externo torna-se progressivamente mais limitada.

Figura 9. Miolo do livro



Fonte: Arquivo das autoras.

Os três personagens apresentados, planta, mulher e gato, constituem os protagonistas do enredo da narrativa. Além deles, diversos outros elementos presentes no cenário contribuem para o processo de compreensão e atribuição de sentidos. Nesse contexto, as imagens, englobando personagens e cenários, desempenham um papel complementar ao texto escrito, configurando-se como um meio de interlocução e interação entre o leitor e a obra (Naves e Goulart, 2024).

De acordo com Genette (2009), os paratextos fazem parte integrante da experiência de leitura, atuando como elementos que influenciam tanto a recepção quanto a compreensão da obra, além de fornecer informações explícitas presentes no texto principal.

Além disso, os estudos de Darnton (2010) e Chartier (2002) destacam, de forma unânime, que toda a materialidade que orienta o leitor no processo de construção da compreensão está vinculada a uma ação editorial. Nesse sentido, os elementos editoriais desempenham o papel de influenciar as reações do leitor, contribuindo para a (re)construção dos significados atribuídos ao texto.

De acordo com Goulart (2014, 2016), o primeiro contato desencadeador da leitura ocorre na exterioridade, pois a materialidade do livro sugere ao leitor posturas e usos específicos. Essa interação inicial é mediada pelas sensações que o material impresso proporciona, possibilitando uma exploração concreta de elementos como cores, imagens, capa, disposição dos títulos, tipografia, facilidade de manuseio e formato.

Um aspecto relevante a ser ressaltado é que a obra “O jardim lá fora” apresenta características materiais peculiares: formato quadrado, capa dura e uma gramatura de miolo que conferem qualidade e durabilidade ao livro. A própria autora Maira Chiodi enfatiza a importância do aconchego associado à forma do livro, destacando como esses elementos contribuem para a experiência leitora.

Desse modo, os elementos editoriais e gráficos que compõem uma obra desencadeiam diversas ações interpretativas. Tais ações levam em consideração a possibilidade de diferentes práticas de leitura, seja pelo professor ou pelo próprio leitor, ambas exigem estratégias distintas para a construção da compreensão leitora. Isso ocorre porque a relação estabelecida entre o leitor e a obra é singular, marcada pela subjetividade e pela experiência única de cada indivíduo.

Considerações finais

Neste estudo buscamos apresentar uma reflexão sobre a materialidade da obra, com ênfase na produção da obra “O jardim lá fora”, de Maira Chiodi. Com isso, procuramos evidenciar a relevância dos paratextos que compõem a materialidade do livro e como estes, são pensados pelo autor, ilustrador ou editora de modo a contribuir para a compreensão leitora.

Segundo Correa, Pinheiro e Souza (2019, p. 83) “os elementos paratextuais do livro infantil têm sido explorados de forma criativa. [...] Além de estimular o leitor a levantar hipóteses de leitura sobre o texto, atitude realizada por todo leitor proficiente, os paratextos de muitos livros infantis inovam em relação à função que tradicionalmente é atribuída a eles”.

Ao apresentarmos um estudo a partir da perspectiva da autora e ilustradora de “O jardim lá fora” pudemos perceber que a obra vai se construindo aos poucos a partir um olhar e de uma sensibilidade para o texto no processo de produção, que nenhuma ação é aleatória, de que todos os detalhes têm importância e sentido. Tais observações demonstram que uma primeira ação leitora da obra acontece pelas mãos do autor e ilustrador, que trabalha o texto (verbal e visual), que modifica, acrescenta e faz recortes, para redesenhar o enredo narrativo da obra.

Trata-se de uma relação dinâmica entre autor e texto, que explora as potencialidades do todo e das partes do texto ao mesmo tempo, por essa razão a materialidade do livro não pode ser considerada algo aleatório, mas antes uma parte que compõe a obra. Uma vez que a partir dos paratextos o leitor terá seu primeiro contato com o livro, fará uma leitura subjetiva guiada pelos dispositivos ofertados pelo autor ou editor, o que tornar uma ação complexa.

A cada contato com este material acontecerá um novo encontro, a leitura não será a mesma, os leitores não serão os mesmos, entende-se que os livros mudam porque os leitores se transformam conforme ressalta Chartier (1996).

Na mesma direção, entendemos que a compreensão do que a materialidade do livro representa para o autor, o ilustrador, ou mesmo, para o editor segue objetivos específicos; enquanto o autor está preocupado com a essência narrativa, seja do texto escrito ou das imagens, o leitor também é considerado pelo autor a todo momento de sua produção, mas por uma ótica da estética e da literalidade, por sua vez o editor verifica a visibilidade e a receptividade da obra pelo leitor, pelo mercado editorial, pela viabilidade de custos.

Assim, neste estudo pudemos identificar a ação sensível de uma autora e ilustradora na composição da narrativa verbal e visual, que “arquitetou” cada detalhe da obra, que idealizou um suporte material para o texto, o que sinaliza uma percepção de que “o livro, com o conteúdo carrega e com a materialidade que o caracteriza, representa uma forma de expressividade e de produção de sentidos, que move ações, relações e interações em redes dialógicas” (Goulart, 2016, p. 80).

Referências

- CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. História Cultural: entre práticas e representações. Tradução M. M. Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CORRÊA, Hércules Toledo ; PINHEIRO, Marta Passos; SOUZA, Renata Junqueira. A materialidade da literatura infantil contemporânea: projeto gráfico e paratextos. In: Marta Passos Pinheiro; Jéssica M. Andrade Tolentino. (Org.). **Campo, materialidade e produção: literatura infantil e juvenil**. 1ed. Belo Horizonte: Moinhos e Contafios, 2019, v. 2, p. 71-87.
- DALCIN, Andrea Rodrigues. A escrita das ilustrações: um olhar para a leitura do livro ilustrado. **Avisa lá**, São Paulo, v. 17, p. 32-41, ago. 2017.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia/SP: Ateliê, 2009.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Um livro, diferentes modos de ler. Revista **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, vol.29, n.56, p. 27-35, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/54> . Acesso em: 12 jan. 2025.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Entre a materialidade do livro e a interatividade do leitor: práticas de leitura. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 5-19, 2014. DOI: 10.20396/rdbci.v12i2.1611. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1611>. Acesso em: 18 dez. 2024.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. A compreensão e conceituação de livro num jogo de representações. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.34, n.67, p.69-82, 2016. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/512> Acesso em: 13 jan. 2025.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Narrativa visual: a paisagem estética e literária do livro de imagem. **Revista Graphos**, João Pessoa. vol. 26, n. 3, 2024a. p. 298-316. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/71010> Acesso em: 20 jan. 2026.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Em meio à subjetividade da leitura: marcas de um leitor subjetivo. **Revista de estudos de cultura - REVEC**, São Cristóvão (SE), v. 10, n. 26, p. 15-26, jul. dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/21874> Acesso em: 20 jan. 2026.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NAVES, Ludmila Magalhães; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. As discussões sobre o livro de imagens no cenário da literatura infantil. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 19, p. e11834, 2024. DOI: 10.7867/1809-03542022e11834. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/11834>. Acesso em: 18 dez. 2024.

RAMOS, Flávia Brocchetto; FURTADO, Maria Isabel Silveira; VALENTIN Carla Beatris. Paratextos em livros literários infantis: entre texto, paratextos e leitor. **Revista eletrônica Interfaces**. Vol. 12 n. 1, p. 83-95, 2021. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6514/4718. Acesso em 02 jan. 2025.

Recebido: março/2026.

Aprovado: maio/2026.

Publicado: junho/2026.